



**Aluno:** Benhur Bortolotto

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jane Fraga Tutikian

**Instituição:** Instituto de Letras da UFRGS

**[Introdução]** Este trabalho analisou a novela *Quem me dera ser onda*, do escritor angolano Manuel Rui, para estabelecer uma proposta de leitura em que o riso se revela uma ferramenta de decifração e de crítica da sociedade angolana pós-independência.



O estudo é parte integrante do material produzido pelo projeto de pesquisa *O riso destabilizador na literatura africana de língua portuguesa da última década do século XX e da primeira do XXI*.

**[Métodos]** Minuciosa pesquisa bibliográfica acerca dos conceitos pertinentes à discussão que, dada sua transversalidade, encontra referências não apenas nas teorias literárias como também na história e na filosofia. Além disso, o caráter crítico dos textos literários selecionados também exigiu leituras e investigações que dessem conta da construção de um panorama com o qual pudessem ser contrapostos. Para isso, estabelecemos um convívio constante com fontes jornalísticas e com as mais variadas manifestações artísticas que se mostrassem pertinentes para compreensão da realidade social nas ex-colônias portuguesas.

**[Contexto de produção]** Como parte integrante de um projeto maior, este artigo compõe um conjunto de estudos com os quais se relaciona para estabelecer uma compreensão panorâmica do papel desempenhado pela literatura na construção de uma consciência capaz de produzir suas próprias críticas sobre a sociedade na qual se inscreve e na busca pelos fundamentos para uma identidade cultural.

**[Resultados]** Os resultados apontam que em *Quem me dera ser onda* o autor compõe um pequeno cenário que funciona como uma metáfora do país e usa o riso como uma forma de evidenciar a estrutura real dos problemas sociais e políticos enfrentados pelos angolanos. A narrativa ainda evidencia:

- o monopólio governamental da luta pela independência e sua conversão em discurso legitimador de desmandos e paternalismos políticos;
- o oportunismo daqueles que hipocritamente criticam as distorções perpetradas pelo sistema político ao mesmo tempo em que se valem delas para obter vantagens pessoais;
- os novos problemas e desafios que surgem com a independência e o impacto que novos enunciados causam numa sociedade que se constitui politicamente sobre pressupostos que já não existem, pelo menos não nos mesmos termos.

Ao redimensionar um país, num cenário restrito que abarca representações de todas as suas mazelas, Manuel Rui também redimensiona o homem, tornando clara sua relevância e fundando uma perspectiva de profunda e radical aproximação do indivíduo e seu país, e, indissociavelmente, do indivíduo e de seu papel no contexto em que atua, tornando menos abstratos os efeitos de sua vida política.

#### REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo, Brasília: Edunb, Hucitec, 1993.

BERGSON, Henri. O riso. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

PEPETELA. A geração da utopia. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

RUI, Manuel. Quem me dera ser onda. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

TUTIKIAN, Jane. Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

**MANUEL RUI** nasceu no Huambo (Angola), em 1941. É escritor, professor de literatura e jurista. Traduzido já para espanhol, francês, inglês, italiano, russo, romeno, checo, finlandês, árabe e hebraico. Entre suas obras destacam-se *Crônica de um Mujimbo* (1989), *1 Morto & Vivos* (1993), *Da Palma da Mão* (1998) e *Rioseco* (1999).